



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RUANA VIDDA SOBRAL CAVALCANTE SILVA

**O SURFE COMO PRÁTICA CORPORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

Maceió/AL

2023

RUANA VIDDA SOBRAL CAVALCANTE SILVA

**O SURFE COMO PRÁTICA CORPORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao corpo docente da
Universidade Federal de Alagoas,
como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciatura em Educação
Física.

Orientador: Professor Marco Antônio
Chalita.

Maceió/AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 –661

S586s Silva, Ruana Vidda Sobral Cavalcante.
O surfe como prática corporal nas aulas de educação física escolar / Ruana Vidda Sobral Cavalcante Silva. – 2023.
43 f : il.

Orientador: Marco Antonio Chalita.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 37-39.
Apêndices: f. 40-43.

1. Educação física. 2. Surfe – Prática. 4. Sala de aula. I. Título.

CDU: 797.1

Dedico

esta conquista a minha bisavó Irene Galindo Sobral, sei que seria a pessoa mais feliz em saber da conclusão de minha graduação. Eterna saudade e imensa satisfação por todo ensinamento e aprendizado que me passou em vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde, força e sabedoria para concluir o curso de Educação física e esta pesquisa mesmo diante dos desafios passados durante toda a trajetória.

Ao meu orientador, Professor Doutor Marco Antonio Chalita, pela paciência, confiança e incentivo dedicado à elaboração deste trabalho.

A Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe Luciana Sobral, e a minha avó Marcia Suely, heroínas que me deram apoio e incentivo do começo ao fim, principalmente nas horas mais difíceis, de desânimo e cansaço.

A minha irmã pelo amor e compreensão durante os tempos de ausência ao longo do período que precisei para terminar o tcc.

Grata por ter o apoio incondicional da minha madrinha Marcia Valéria, do meu irmão Avner França, da minha irmã do coração Janaina e da minha tia Cristina por todos os conselhos, bem como palavras motivacionais e puxões de orelha.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente estudo faz uma breve análise sobre a prática corporal do surfe nas aulas de educação física, nas escolas de Alagoas. Sabe-se da importância de compreender como a prática de esportes de aventura é abordada em sala de aula e quais as habilidades e competências que são desenvolvidas a partir dessa relação com o meio ambiente. As práticas pedagógicas no ambiente escolar buscam a formação da cidadania e o desenvolvimento de um aluno crítico e consciente de seu papel social. Como metodologia este estudo se caracterizou de cunho descritivo qualitativo, tendo como grupo estudado os professores de Educação Física escolar. O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário, através do formulário do "google". Para análise dos dados foi utilizada a técnica da análise interpretativa. Conclui-se que os professores ainda sentem dificuldades para a introdução do surfe, como prática corporal, em sala de aula, seja pela falta de estrutura ou pela ausência do conteúdo em sua formação universitária.

Palavras-chave: Surfe. Prática corporal. Sala de aula. Educação Física.

ABSTRACT

The present study makes a brief analysis about the corporal practice of surfing in physical education classes, in schools in Alagoas. It is known the importance of understanding how the practice of adventure sports is approached in the classroom and what skills and competences are developed from this relationship with the environment. The pedagogical practices in the school environment seek the formation of citizenship and the development of a critical student who is aware of his social role. As a methodology, this study was characterized by a qualitative descriptive nature, having Physical Education teachers as the studied group. The instrument used for data collection was the questionnaire, through the "google" form. For data analysis, the interpretative analysis technique was used. It is concluded that teachers still experience difficulties in introducing surfing, as a body practice, in the classroom, either due to the lack of structure or the absence of content in their university education.

Keywords: Surfing. Body practice. Classroom. Physical Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O SURFE E A PRÁTICA CORPORAL	10
1.1 Aspectos gerais do surfe	10
1.2 O surfe nas aulas de Educação Física	13
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.1 Tipo	22
estudo	26
2.2 Grupo estudado	
2.3 Técnicas e instrumentos de coleta de dados	30
2.4 Local de estudo	30
2.5 Caracterização dos participantes	30
2.6 Procedimento para análise dos dados	31
3. RESULTADO E DISCUSSÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

O interesse para desenvolver esse estudo partiu da vivência da autora como atleta profissional que atua a mais de dez anos em competições de Surfe representando o estado de Alagoas e o Brasil em eventos nacionais e etapas do circuito mundial que dão acesso à elite do esporte, além da experiência como estagiária, aluna do curso de Educação Física e instrutora de surfe em praias de Alagoas onde trabalha com alunos de diferentes faixas etárias e de diversas partes do Brasil e do mundo.

Diante da história da humanidade é possível perceber o quanto o ser humano sempre esteve ligado, fascinado e atraído pelo mar, caçando, pescando e explorando os oceanos. A oportunidade de vivenciar um esporte em contato com o mar, ao ar livre, pode ser uma experiência marcante na vida de muitos indivíduos, especialmente se for ofertada por escolas, pode fazer com que os alunos tenham uma possibilidade de aprendizagem prazerosa por proporcionar um momento de lazer e proximidade com a natureza. Aulas de campo na praia podem ser motivadoras e lúdicas para os estudantes, que possivelmente passam a sentir mais motivação e prazer nas aulas de Educação Física escolar.

Ao se deparar com os desafios que as práticas corporais de aventura oferecem, é possível que sejam superados nos alunos sentimentos como o medo e insegurança, pois essa vivência pede que o educando tome decisões, trabalhando assim aspectos físicos, cognitivos, afetivos, além dos emocionais. O estudo busca refletir sobre o seguinte problema: Qual a possibilidade de ensino e aprendizagem do surfe como prática corporal nas aulas de Educação Física escolar? O contato com a natureza traz benefícios para os praticantes desses esportes, expandindo as práticas eco turísticas e esportivas (HALL, 2003).

A Educação Física é um componente curricular que tematiza as práticas corporais, seus códigos e o significado para a sociedade. O movimento humano é inserido no contexto cultural, sendo as aulas dinâmicas e diversificadas. Os alunos reconstróem um conjunto de conhecimentos que permitem a ampliação da consciência sobre os movimentos e os recursos essenciais para cuidar de si e dos outros, tornando-se autônomos e se apropriando da cultura corporal (BNCC, 2022).

O currículo escolar tem sido questionado pelos pesquisadores em educação, tendo como finalidade refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem e os temas que devem ser abordados em sala de aula. A discussão a respeito dos currículos escolares e a responsabilidade pelo processo de ensino aprendizagem, busca compreender quais os temas que devem ser tratados na escola. Com tantas possibilidades de conteúdos para ser trabalhado, é imprescindível que os eixos da educação brasileiros sejam sempre ampliados. A importância de estudar o Surfe como prática corporal em escolas, auxilia na introdução dos esportes de aventura no ambiente escolar de forma lúdica.

Os alunos precisam adquirir conhecimentos que sejam significativos em suas vidas e que estejam de acordo com o bem-estar coletivo. As aulas de Surfe tem como objetivo o desenvolvimento do educando, auxiliando os alunos através do conhecimento sobre esse esporte e do contato com a natureza a se tornarem pessoas mais conscientes de seu papel social, além de despertar no educando um olhar voltado à preservação do meio ambiente. É necessário também estudar como as aulas de educação física podem ir além da escola, preparando os alunos para a vida.

A cultura surge a partir de saberes construídos no contexto social, que se tornam enraizados e fundamentalmente relevantes para os indivíduos. A cidade de Maceió, possui praias que são consideradas ideais para a prática de esportes aquáticos, sendo bastante visitadas por surfistas durante todo o ano, criando a cultura da prática do esporte que vem atraindo adeptos de várias faixas etárias, incluindo crianças e adolescentes.

Apesar de muitos alunos estarem imersos nesse universo dos esportes, vários desconhecem a sua importância para a saúde. A Educação Física precisa atuar nesse desconhecimento, oferecendo mais uma oportunidade de ensino para alunos da escola básica. A prática dos esportes de aventura proporciona o conhecimento de tradições. Como estilo de vida, o surfe trabalha o corpo e a mente dos praticantes, por esse e outros motivos seria interessante que essa cultura fosse incentivada nas aulas de Educação Física escolar. O professor de Educação Física deve buscar trabalhar conteúdos que proporcionem aprendizagens significativas para a vida dos educandos.

É essencial que as aulas de Educação Física proporcionem atividades voltadas para o desenvolvimento das habilidades motoras e das capacidades físicas dos

educandos através do contato com os diversos conteúdos propostos para a educação básica, permitindo por meio dessas vivências que as crianças e adolescentes despertem pela busca pela qualidade de vida e por hábitos saudáveis.

A formação desses sujeitos se torna o alicerce para que esses alunos valorizem ações que assegurem o bem-estar. A educação auxilia a formação da cidadania, possibilitando que os alunos se tornem pessoas críticas e conscientes da realidade em que vivem, podendo assim intervir em interesses que defendam sua classe.

Justifica-se o estudo pela necessidade de envolvimento da escola com a cultura local, influenciando o interesse de crianças e adolescentes pela prática corporal, sendo a escola uma instituição importante na reprodução cultural da sociedade. A prática corporal pode ser aprendida dentro do ambiente escolar, para que os alunos usufruam das vivências e conhecimentos na área. O Surfe então se torna uma possível ferramenta para produzir cultura, sendo um recurso positivo para as aulas de educação física. A escolarização do esporte potencializa a socialização e a busca pelo bem-estar nos educandos. O contato com as aulas de Surfe traz conhecimentos significativos e indispensáveis principalmente para comunidades próximas ao mar, como exemplo os cuidados com canais de repuxo através de aulas práticas e teóricas, podendo evitar possíveis situações desagradáveis em meio aquático.

As mutações do espaço são um dos elementos que precisam ser conhecidos para que crianças e adolescentes não sejam alvo de acidentes no mar. O condicionamento físico e a técnica de natação, por exemplo, permitem que os alunos flutuem. Além dessas questões, o controle e o conhecimento pessoal, sobre emoções como o medo e a importância de manter a calma em diversas situações, o respeito à natureza e os limites que precisam ser superados, são elementos fundamentais na construção do cidadão reflexivo.

O surfe pode trazer benefícios físicos e psicológicos para os alunos. O professor de Educação Física precisa esclarecer também todas as questões referentes ao esporte, conscientizando sobre os riscos, apresentando seus benefícios e inserindo as possíveis maneiras de se trabalhar essa prática. Trata-se de um esporte radical de aventura na natureza em que a estabilidade e coordenação dos movimentos corporais precisam ser trabalhados para obter êxito. Sendo o equilíbrio um ponto trabalhado desde o início até o fim. O Surfe faz parte da cultura e não se limita apenas

a um esporte, estando presente na vida dos praticantes, e relacionando-os com o mar.

Além da vivência, é preciso saber mais sobre os esportes de aventura, a relação entre os indivíduos e a natureza durante as aulas de Educação Física, em sala de aula. Compreender essa introdução dos esportes de aventura no ambiente escolar contribui para a construção de um conhecimento mais amplo e completo do contexto pedagógico que envolve o ensino do Surfe. Os professores precisam ter formação para atender à demanda de um currículo inovador.

A prática de Surfe está presente na cultura alagoana, tornando-se uma possível ferramenta protagonista para a motivação dos alunos em relação ao esporte de aventura. A abordagem dessa temática de forma pedagógica, pode permitir que os alunos se tornem críticos e emancipados, assegurando liberdade e pode ser tratado em sala de aula. O presente estudo busca investigar a seguinte questão: Como o surfe pode ser trabalhado em sala de aula, como um dos conteúdos na disciplina de Educação Física? Os professores trabalham o esporte, dentro de suas possibilidades e limitações de estrutura. A pesquisa é de natureza bibliográfica, com coleta de dados secundários em livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos. Através de questionário, aplicado aos professores de educação física de Alagoas, procurando entender como o conteúdo das práticas corporais de aventura na natureza está sendo introduzido no ambiente escolar.

1. O SURFE E A PRÁTICA CORPORAL

1.1 Aspectos gerais do surfe

O Surfe teve sua origem possivelmente na região da Polinésia, há muitos anos, sendo bastante praticado nas ilhas do Havaí, nas praias do Peru e em diversos países de todo o mundo. No Brasil, a prática teve início em 1930, enfrentando barreiras e dificuldades, uma vez que os surfistas eram alvo de preconceito social. Mas, com o passar do tempo essa percepção negativa foi mudando, e o esporte vem crescendo e

conquistando muitos adeptos, inclusive jovens e crianças. Muitos competidores brasileiros têm se destacado mundialmente, alcançando bons resultados e dando maior visibilidade ao esporte no país (VIEIRA, 2012).

Os primeiros surfistas surgiram em Santos, no litoral paulista, devido ao turismo e crescimento econômico da região, com a abertura de lojas, restaurantes e hotéis, que foram empreendimento impulsionados pelos lucros com o comércio de café. Com grandes investimentos e o aumento do fluxo de pessoas, o Surfe foi uma prática que atendeu aos interesses da região. A praia de Gonzaga foi a escolhida para sediar o surfe profissional brasileiro. Nesse período, foram destaques: Silvio Malzoni, João Roberto Suplicy Haffers e Osmar Gonçalves (GUTENBERG, 2017).

Filhos de cafeicultores e da elite paulistana, passaram a ter acesso ao esporte por meio de revistas internacionais. Osmar Gonçalves, teve a ideia de confeccionar pranchas (Tabuas Havaianas) a partir da leitura da revista americana “Popular Mechanic”. A primeira prancha no Brasil, foi confeccionada em madeira e pesava aproximadamente 80kg, tendo três metros de comprimento. Em 1947, foi construída a prancha D-4, que recebeu o nome de “portas de igrejas”, pelo surfista Luís Vital. Durante os anos, foram sendo estudados materiais e formatos, até chegar ao modelo de “Maderite”, feito de compensados de madeira, que melhorava a performance no mar (GULIN; ANDRÉ, 2015).

As pranchas de fibra de vidro chegaram ao Brasil em 1964, importadas da Califórnia. A partir de então, é inaugurada no país a Federal de Surfe carioca, que se responsabilizou pelo primeiro campeonato de surfe brasileiro. Na década de 1990, as fibras leves passaram a ser utilizadas na fabricação, tornando a prancha mais resistente e otimizando a prática de Surfe. A partir desse período se tem a popularização em diversas praias brasileiras (ROCHA; LINSKER, 2017).

Em 1967, foi inaugurada a primeira loja de surfe brasileira, que impulsionou o crescimento do esporte no país, tornando-se mais realizado nas praias de Prainha, Guaratiba e Saquarema, no Rio de Janeiro, devido às ondas que se formaram no local, após a retirada de areia. Com a procura pelo Surfe, surgiu a Associação de Ubatuba, promovendo festivais na década de 1970, posteriormente sendo fundada a Internacional Professional Surfers cuja função era coordenar campeonatos internacionais no país, atraindo adeptos e patrocinadores (LORCH, 2010).

Entre as décadas de 1970 e 1980, foram exibidos filmes de surfe na televisão aberta, nos cinemas e o esporte passou a ser conhecido e incentivado entre os jovens brasileiros. Com o surgimento das associações, o estereotipo negativo do surfista foi perdendo espaço na sociedade. A profissionalização se tornou positiva, e hoje é um esporte aceito e que vem ganhando espaço. De acordo com Rezende (2016), cerca de 2,7 milhões de pessoas praticam esse esporte, entre profissionais e adeptos, buscando a prática como lazer e diversão.

Em Alagoas, o surf teve sua origem por volta dos anos 70 nas praias de Maceió, mais precisamente na Praias do Trapiche, Sobral e a Pontal da Barra. Logo após a prática do Surfe foi se expandindo, chegando na Praia do Francês, mais ao litoral Sul do estado que recebe bastante swell durante o ano todo, sendo considerada o paraíso para todo surfista, estando no topo da lista das praias do Brasil com mais constância de ondas.

Segundo relatos de surfistas que fizeram parte da história do esporte em terras alagoanas, no ano de 1975 havia apenas uma prancha de Surfe profissional em Maceió, adquirida por Marcus Tavares, conhecido como Mosquito. Na época, o Surfe em Alagoas era realizado na base do improvisado tanto no material das pranchas, que eram de isopor quanto com o restante dos equipamentos como por exemplo o “Leash”, a famosa cordinha que liga o surfista à prancha, evitando que ela se afaste dele, otimizando seu tempo e a energia durante a sessão.

De acordo com uma matéria encontrada no site “História de Alagoas”, logo após o início da utilização de pranchas profissionais, o Surfe alagoano entrou na fase das competições. Na segunda metade dos anos 70, e elas aconteciam tendo como palco principal a Praia do Trapiche. Em Alagoas, a história do Surfe tem em seu arsenal representantes que chegaram a se destacar até mesmo no cenário internacional, nomes como Marcondes Rocha, que fez parte da elite mundial e carrega títulos e vitórias importantes em sua carreira, impulsionando ainda mais o Surfe no estado. Além de destaques em campeonatos mundiais, outros surfistas Alagoanos também escreveram sua história em competições tanto no estado quanto a nível nacional, entre eles Pereira, Fabio Rato, Tadeu, Sotero e Moab Ramos.

Analisando a história do Surfe, em seu início, verifica-se que ela também teve natureza religiosa, quando as pessoas que viviam em contato com a natureza já foram chamadas de tribos nômades e eram considerados seres espirituais diferenciados. O

Surfe tem se tornado popular mundialmente e, no Brasil, apesar de ter chegado com o estereótipo de marginalização, tornou-se popular e de relevante importância para a educação e a preservação do meio ambiente (DIAS, 2018). Através do conhecimento e evolução acerca do Surfe, sua prática foi entendida como uma atividade esportiva.

O Surfe passou a ser considerado um esporte belo e as pessoas começaram a admirar a forma como o corpo se movimentava sobre as ondas do mar. A prática esportiva envolve aprendizagens nos procedimentos, atitudes e conceitos, podendo contribuir na formação do ser humano, reunindo homens e mulheres, de qualquer faixa etária e nacionalidade. Essa modalidade esportiva está inserida nas práticas corporais de aventura, que envolvem emoções e sensações, bem como movimentos que se ligam diretamente à natureza e ao meio ambiente (GUTENBERG, 2014).

O art. 3º do Decreto nº 9.615, de 24 de março de 1998, estabelece que o desporto pode ser praticado nas instituições educacionais, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer. O mesmo artigo descreve também que o desporto contribui para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente (BRASIL, 1998).

O surfe é um esporte classificado como de aventura, envolvendo coragem, superação de limites físicos, motores e estimulando a sociabilidade. Essa popularidade, verificada nos últimos anos tem contribuído para a ascensão de campeões na categoria profissional masculina que representam a bandeira do Brasil, como: Gabriel Medina, Adriano Souza, Filipe Toledo, Ítalo Ferreira, Caio Ibelli, Wiggolly Dantas e Miguel Pupo, nomes que ganharam destaque nos noticiários esportivos e influenciam crianças e adolescentes a querer surfar (ROCHA; LINSKER, 2017).

Assim como na categoria masculina, o Brasil tem destaques na categoria feminina também, nomes como Brigitte Mayer que foi a primeira surfista brasileira a disputar uma etapa do circuito mundial em 1990, logo em seguida a carioca Andrea Lopes, campeã em uma etapa do WCT (World Championship Tour).

Além desses grandes nomes, uma outra surfista que deixou sua marca registrada na história do Surfe feminino no Brasil foi Jacqueline Silva, natural de Florianópolis, que tem uma coleção de títulos e vitórias no cenário do surf nacional e mundial, sendo bicampeã em etapas do WQS e vice-campeã no circuito do WCT em 2002. De

acordo com o ranking do último ano de 2022 a brasileira Tatiana Weston-webb é atualmente o maior destaque do país na categoria feminina se encontrando no circuito principal do surfe mundial, em seguida a representante do nordeste do Brasil, a Cearense Silvana Lima que vem disputando etapas da divisão de acesso à elite, com o objetivo de se qualificar e voltar a fazer parte do WCT (circuito mundial de surfe). Todas essas mulheres fazem parte da história e evolução do Surfe no Brasil e são um incentivo a diversas outras brasileiras.

Apesar dos esforços para popularizar o esporte, ainda se observa uma carência na literatura acadêmica sobre o assunto, bem como nas atividades que são desenvolvidas durante o curso de formação em Educação Física. É importante compreender o Surfe como uma prática esportiva, para que seja ampliada a visão a respeito da temática (GULIN; ANDRÉ, 2015).

1.2 O surfe nas aulas de Educação Física

Nas escolas de educação básica é comum a disponibilização de uma bola para os alunos jogarem futebol durante as aulas de educação física. Porém, para aqueles que não tem interesse nessa prática, pode acabar desestimulando a sua participação, por não prender a atenção do aluno. As aulas de Educação Física nas escolas de educação básica possuem modalidades esportivas limitadas, tendo como objetivo aprimorar técnicas. Quando poderiam estar trabalhando em seus conteúdos atividades que promovessem mais a ludicidade e recreação. Ao praticar atividades lúdicas, os indivíduos podem estar desenvolvendo suas habilidades e potencialidades motoras em benefício do seu crescimento e desenvolvimento. É importante trabalhar na escola outros tipos de esporte e não apenas os convencionais.

Introduzir novas modalidades, como por exemplo as atividades aquáticas, nas aulas de Educação Física escolar pode proporcionar ao aluno uma aprendizagem de forma mais prazerosa. O surfe pode ser uma modalidade motivadora e interessante para crianças e jovens (GOULART, 2016). Oportunizando diversão e ao mesmo tempo conhecimento sobre a prática, o surfe pode despertar o interesse dos alunos, abrindo espaço para as práticas corporais de aventura como conteúdo nas aulas de educação física. Além disso, o Surfe é uma filosofia de vida que vem ganhando espaço, e está

presente nos momentos de lazer dos praticantes. O lazer pode ser educativo, lúdico e motivador, porque é parte da realidade do ser humano, contrariando a obrigação de fazer algo (MARCELINO, 2015).

No Brasil, os esportes de aventura passaram a ganhar visibilidade na mídia após a década de 1980, e o número de adeptos cresce periodicamente. Essa relação entre o homem e a natureza tem feito do surfe um esporte bastante popular (CUNHA, 2014). A forma como a prática esportiva pode ser trabalhada nas aulas de Educação Física, possibilita que o aluno tenha uma formação mais reflexiva e consciente de suas atitudes.

Como já foi dito, o número de adeptos aos esportes de aventura está cada vez maior e podemos supor que em sua maioria, os praticantes das modalidades radicais são jovens na faixa etária de 18 aos 30 anos, até pelo impacto de tal estilo. Porém, com a popularização desse estilo nos últimos anos, principalmente do surfe, tem havido grande procura por parte das pessoas mais velhas, gerando certa repressão sobre tal tema (GOULART, 2016, p. 7).

Analisando as palavras do autor em comento, verifica-se que não há idade certa para iniciar a prática esportiva, independentemente de ser radical ou não. A mídia televisiva divulga o surfe como um esporte que possibilita a interação lúdica entre os indivíduos, que se afastam da rotina dos centros urbanos para ter contato com a natureza. O esporte de aventura, assim como outros esportes, envolve poder financeiro tornando-se veículo de divulgação e atraindo praticantes. Esse crescimento no número de praticantes também se deve ao incentivo pelo mercado que fornece formações, cria associações, confederações e instituições que são responsáveis pela organização de torneios e divulgação dos esportes. Os esportes de aventura são citados no quadro 1.

Quadro 1 – Principais esportes de aventura

ESPORTE	CARACTERÍSTICA
Escalada	Utilização de técnicas e movimentos do montanhismo, para escalar boulder (bouldering).
Surfe	Esporte individual e radical praticado no mar, com a utilização de uma prancha.
Rapel	Esporte radical que caracteriza a descida com uso de cordas.

Skate	Realização de manobras deslizando sobre o solo, com o uso de uma prancha que possui eixos.
Corrida de aventura	Modalidade que envolve vários esportes radicais e é realizada em ambientes naturais.

Fonte: Guaraná (2018)

O esporte tem sido elemento educacional desde a antiguidade, quando os gregos já utilizavam as atividades físicas e esportivas como ferramenta de formação física e moral dos indivíduos. Os jogos populares ingleses, segundo Brotto (2015), eram realizados durante o século XX, como práticas pedagógicas. Em 1960, eles foram associados às manifestações intelectuais, com o reconhecimento de entidades internacionais como o UNESCO.

Identificado como um fenômeno social educativo, o esporte pode oferecer benefícios a saúde do ser humano e possibilitar a inclusão social, trazendo bem-estar e mais qualidade de vida aos indivíduos. Assim, ele está inserido no contexto educacional, sendo importante estabelecer uma metodologia adequada, para que a finalidade pedagógica seja atendida.

A rotina diária estressante e as atividades acadêmicas fazem com que os alunos se sintam mais abertos ao esporte e à atividade física realizada junto à natureza (BUENO, 2017). Com a ludicidade e socialização, as aulas de Surfe na escola demonstram a sua relação com a prática pedagógica. O contato com a natureza permite que os alunos vivenciem um estilo de vida saudável. O ato de surfar e de apreciar as ondas além de promover uma experiência única, diferente de outras modalidades que o indivíduo possivelmente tenha vivenciado em ambiente escolar, pode proporcionar um momento relaxante e de descontração, tendo em vista que o Surfe é um esporte praticado na natureza.

O esporte desenvolve tanto as habilidades motoras como as físicas e proporciona melhorias na saúde, além do crescimento e desenvolvimento psicológico. Quanto às competências, pode-se trabalhar cooperação, socialização, elevação da autoestima, trabalho em grupo e construção da identidade (DIAS, 2018). Não restam dúvidas do bem-estar e da diversão que a prática do Surfe pode proporcionar para os alunos. O professor pode ajudar o educando a praticar esportes e superar seus próprios limites, lidar com as emoções e sensibilidades, enfrentando a dor e as dificuldades, tendo alegria e vitórias (TUBINO, 2016).

O Esporte no Brasil se desenvolve a partir de suas características naturais. O país é cercado de belezas, e a prática de atividades junto à natureza tem se tornado

muito comum. A Educação Física precisa ser baseada no ensino de um esporte que estimula o companheirismo e o aprendizado, estabelecendo relações de igualdade.

É interessante anotar que a relação do surfe com a ideia de saúde e qualidade de vida é um discurso recente, que foi construído com o passar dos anos, em um processo mais tardio. A imagem do surfe esteve durante muito tempo ligada a vagabundagem e a utilização de drogas. Era visto como um esporte até socialmente inaceitável. Em alguns lugares, como por exemplo, na Austrália, o surfe chegou a ser proibido, com o argumento de que sua prática desvirtuava e corrompia a formação moral dos jovens. No Brasil a sua trajetória não foi diferente (VIEIRA, 2012, p. 20).

Ante o exposto, verifica-se que a imagem associada ao surfe era negativa, mas com o passar do tempo foi mudando, e hoje pode ser usada como ferramenta de inclusão dos esportes de aventura nas escolas, além de ser uma prática pedagógica que está ligada à ideia de estilo de vida saudável, pelo seu contato direto com a natureza e que pode promover uma maior conscientização em relação à proteção ao meio ambiente.

O Surfe é uma forma de integração e socialização, e tendo em vista esses fatores, ele é um esporte bastante favorável às crianças e adolescentes, que ainda estão em fase escolar. As aulas de educação física podem despertar o aluno para a responsabilidade com o meio ambiente, assim como também pode estimular a consciência de cuidar de sua saúde física e mental. O surfista é um indivíduo associado à percepção de saúde, dormindo cedo e procurando ar puro, fugindo do contato com a poluição, com alimentação saudável e balanceada (SILVA, 2015).

O surfe na escola, ainda permite que sejam trabalhados temas transversais diversos, como equilíbrio, alimentação saudável, características do mar, animais marinhos, marés, pressão atmosférica, influência da lua, exposição ao sol, poluição, ecossistema, dentre outros. A aplicação do conteúdo surf dentro das escolas pode ser desenvolvida com um trabalho interdisciplinar, possibilitando fundamentação teórica em diferentes áreas do saber, como Geografia, História, Ciências, Matemática, Ensino Religioso e Artes. Mas, a questão principal é a qualidade de vida dos estudantes. Além disso, ainda podem ser trabalhados Primeiros Socorros, Ética e Ações Sustentáveis (GORAYEB, 2017).

Nesse sentido, a inserção do surfe na escola, principalmente em cidades litorâneas como Maceió, durante as aulas de educação física, devido à proximidade com as praias, pode ser uma realidade. Tirando o aluno da rotina do cenário das aulas nas quadras, ginásios poliesportivos e campos de futebol. Podem ser desenvolvidas ações e estratégias para potencialização de habilidades motoras, capacidades físicas e fundamentos esportivos dos alunos através dessa nova modalidade nas escolas. A satisfação de objetivos educacionais que oportunizam o nível de desenvolvimento do educando possibilita que o surfe seja uma ferramenta educacional, para ser trabalhada nas aulas de educação física (STEINMAN, 2017).

A introdução dessa prática diversifica as experiências dos alunos, trazendo mais prazer no exercício e consciência de preservação ambiental (NETO, 2015). O surfe é uma ferramenta pedagógica que pode sim ser trabalhada nas aulas de educação física como um dos esportes abordados e em cidades litorâneas, pela proximidade com o mar, se torna mais fácil a sua inserção.

O presente estudo faz uma análise sobre o surfe como prática corporal de aventura nas escolas. O objetivo geral é compreender a possibilidade de ensino e aprendizagem dessa prática esportiva nas aulas de Educação Física escolar, descrevendo as possibilidades de abordagem do surf como prática corporal na escola, indicando essa modalidade como prática corporal de aventura no meio escolar.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Tipo de estudo

O estudo se classifica como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, descrevendo a realidade de uma população e buscando se aprofundar no assunto de forma mais intrínseca. Através da abordagem qualitativa, visando à identificação e análise sobre a prática corporal de aventura, em especial a possibilidade de trabalhar o surfe nas aulas de educação física como conteúdo na escola. O método utilizado foi pesquisa exploratória, através de questionário enviado a professores da área. A pesquisa exploratória é uma pesquisa aplicada para contextos ou para fenômenos que ainda não são muito explorados na ciência.

Kirk & Miller (1986) observam que a pesquisa qualitativa identifica a “presença ou ausência de algo” (que tipo de coisa e o que a qualifica). Para os autores, objetividade em pesquisa qualitativa implica entender um mundo de realidades empíricas que se coloca diante do pesquisador. Nesse sentido, nem todas as interpretações são igualmente válidas ou aceitas. A pesquisa qualitativa, segundo Mynaio (2014) caracteriza-se como a preocupação com o nível de realidade que não pode ser quantificado.

2.2 Grupo estudado

O grupo estudado foi de Professores de Educação Física da Educação Básica. Participaram da pesquisa onze professores de educação física das escolas de educação básica em Alagoas, regularmente lotados e exercendo suas atividades em sala de aula. O trabalho buscou preservar as identidades dos participantes, não colocando os nomes. O critério de exclusão utilizado foi o não exercício da atividade em sala de aula.

O estudo foi realizado através da análise de respostas a um questionário enviado a professores de educação física da educação básica que trabalham em escolas do Estado de Alagoas. Devido à localização das escolas em que os pesquisados trabalham serem próximas ao mar, a prática de esportes marítimos e de aventura, em específico a modalidade Surfe se torna uma possível ferramenta a ser trabalhada.

2.3 Instrumentos para coleta de dados

O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário, que de acordo com Eco (2016), caracteriza uma técnica de investigação que é composta por questões apresentadas por escrito, tendo como finalidade propiciar um determinado conhecimento ao pesquisador, sendo impresso e possibilitando a anotação de dados. Foram contatados professores de Educação Física, da Educação Básica conhecidos da autora da pesquisa, que também indicaram outros professores. O questionário foi enviado por E-mail e Whatsapp.

2.4 Procedimento para coleta de dados

No primeiro momento da pesquisa foi construído pela autora, um questionário online, dentro da plataforma Google forms. Em seguida, foi enviado um link desse questionário via e-mail e whatsapp aos pesquisados, em específico, professores de educação de física da rede pública estadual de ensino, do Estado de Alagoas. Após clicar no link, os pesquisados eram direcionados para uma página do Google forms, onde havia um questionário contendo 13 perguntas abertas, sendo 3 questões sobre informações pessoais e as seguintes perguntas referentes ao tema da pesquisa.

Os professores que responderam ao questionário também tinham a opção, caso quisessem, de receber uma cópia do TCLE via e-mail. Após o recebimento das respostas, a autora começou o processo de análise e discussão de dados. Todo o contato realizado entre a autora e os professores de escolas da rede pública foi de modo virtual. Participaram da pesquisa 6 mulheres e 5 homens, com faixas etárias diferentes e todos com diploma pela Universidade Federal De Alagoas.

2.5 Procedimento para análise dos dados

Análise dos dados foi feita através da técnica da análise interpretativa, que de acordo com Eco (2016), buscando compreender o significado dos dados coletados e facilitando o entendimento do conteúdo, chegando a uma conclusão que ajuda a verificar as ações realizadas pelos professores de Educação Física.

Nessa etapa, segundo Severino, deve se estabelecer uma interpretação do texto, numa perspectiva objetiva e subjetiva, tentando executar, ao mesmo tempo, um diálogo e uma crítica ao conteúdo da mensagem do autor. Segundo Severino, interpretar é o mesmo que tomar uma posição acerca das ideias defendidas pelo autor; é ler o texto nas entrelinhas (SEVERINO, 2007, p. 61).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, inicialmente procurou saber a identificação dos pesquisados, dados sobre os nomes, instituição onde concluiu a graduação e e-

mails para contato. Foi perguntado se os participantes gostariam de participar do projeto de pesquisa, com o tema: “O Surfe como prática corporal nas aulas de Educação Física escolar”, 100% (cem por cento) respondeu que sim.

O estudo procurou identificar os temas que foram trabalhados durante a formação acadêmica do professor de educação física pesquisado, quais temáticas eles gostariam de ter vivenciado e também se tiveram contato com as práticas corporais de aventura. Em relação à cultura corporal, foram citados Dança e Ginástica, além dos esportes de aventura como Trekking, Canoagem, Escalada, Surfe, Rapel e Arvorismo. Quanto à receptividade dos alunos em relação aos conteúdos em sala de aula, foi afirmado que eles têm preferência pelo lúdico, por esportes coletivos, além dos jogos e brincadeiras. De acordo com Souza e Baccin (2009), o ensino de esportes tem como finalidade a competição. A Educação Física, de acordo com os autores, contribui para a motivação dos alunos a interagir e participar de situações esportivas.

Em resposta ao questionário, 1 (um) professor afirmou que trabalha com os cinco conteúdos da disciplina, levando temáticas de práticas corporais e esportes que fogem à realidade do Brasil, como o Críquete, Futebol Americano, Rugby, Hóquei e Beisebol. Apesar das dificuldades encontradas para realizar de forma concreta estas práticas, o pesquisado afirma a importância de oportunizar os conhecimentos dos educandos. O questionário procurou saber se os professores tiveram contato com práticas corporais de aventura durante a formação e como foi a experiência. 6 (seis) dos pesquisados disseram que não, 2 (dois) afirmaram que apenas de forma teórica e 3 (três) disseram que sim, em exemplo corrida de aventura (Trekking).

Vejamos as falas:

“R7 - O aluno apresenta interesse em tudo que lhe for apresentado de forma bem planejada e conectado a sua realidade. Uma prática bem planejada, em que o aluno veja o objetivo, é capaz de envolvê-los”.

“R11 - Trabalho com os cinco conteúdos da Educação Física durante o ano seguindo as orientações da BNCC, entretanto sempre

levo temáticas de práticas corporais e esportes que fogem da realidade do Brasil, como o críquete, futebol americano, rugby, hóquei, beisebol, dentre outros. Claro que existem inúmeras dificuldades de se realizar práticas concretas sobre os mesmos. Porém, tento apresentar o mínimo para oportunizar esse conhecimento aos alunos”.

A formação acadêmica é essencial para a construção da prática pedagógica, capacitando os professores de educação física para atuar em sala de aula. Mas, não tem a capacidade de antecipar todos os dilemas que são vivenciados no dia a dia. Tardiff (2015) explica que surgem dilemas que são inseridos em situações específicas que não podem ser previstas, exigindo que o docente tenha habilidade de improvisar e resolver essa variável.

Buscando identificar-se durante a formação o professor de educação física teve contato com práticas corporais de aventura e como foi a experiência. As respostas ao questionário demonstraram que a maioria dos pesquisados não vivenciaram bem as práticas corporais, tendo apenas 1 (um) dos 11 (onze) professores afirmando que viu a temática ao menos em sua parte teórica. Outro pesquisado citou ter um breve contato com a corrida de aventura (Trekking) durante sua formação acadêmica. Um terceiro disse que em uma disciplina eletiva, estudou a corrida de aventura como tema principal. Por fim, um último disse que não havia a temática em sua época.

Como podemos ver nas seguintes respostas:

“R5 - No bacharelado tive contato com corrida de aventura (trekking)

R7 - Sim, em uma eletiva, corrida de aventura foi o tema principal

R11- Não, pois na época esse conteúdo não foi aplicado durante as aulas”

Nota-se que a formação inicial do professor de educação física precisa antecipar pelo menos alguns pontos e problemas que ele pode vivenciar em sala de aula com os alunos, sendo o contato com esses esportes de aventura, essencial para a sua prática pedagógica. O crescimento desses esportes de aventura, tem se tornado um fenômeno social surpreendente, tornando-se um dos conteúdos bastante interessantes para os alunos da educação básica. A escola, de acordo com Spink, Aragacki e Alves (2015), não pode se omitir em relação a essa nova realidade da prática

social, buscando em seu currículo incluir um conjunto de práticas que permitam a interação entre os alunos e a natureza.

Essa relação com o meio ambiente se torna importante para possibilitar a busca do limite do próprio corpo e a superação de desafios. Incluir esportes de aventura no cotidiano escolar ensina sobre o respeito ambiental e a importância da preservação para as futuras gerações. Além do lazer, o esporte permite uma compreensão da própria cultura e do meio ao qual o educando está inserido (TAVARES, 2016).

A prática de surfe tem sido bastante popularizada ao longo dos anos, e mesmo com o número de mulheres crescendo, a maioria dos praticantes ainda são os homens. Entre os esportes mais assistidos por homens, o surfe ocupa o segundo lugar em preferência. Com essa procura, as escolas deste esporte passam a fazer parte do cotidiano de crianças e adolescentes (GUARANÁ, 2008).

Foram perguntados os temas que os professores de Educação Física já trabalharam com seus alunos e quais temáticas os educandos tiveram melhor receptividade. De acordo com os professores pesquisados, o tema esporte foi trabalhado em suas aulas mesmo a maioria relatando que não teve contato durante a sua formação com muitas das temáticas que já levaram para os alunos. Os pesquisados salientaram ainda que pelo fato de não ter estudado ou vivenciado certos temas durante a graduação, tiveram que pessoalmente pesquisar e estudar sobre as diferentes temáticas que gostariam de levar para trabalhar com seus alunos durante as aulas de Educação Física.

Enfatizando as respostas adiante:

R1 - *“Nenhum. Ao menos os mais vivenciados na atualidade (trekking, remada, escalada)”*

R3 - *“Esportes de quadra, natação, esportes adaptados (temas que tive contato)”*

R4 - *“Tive contato: lutas, danças, esportes, jogos e brincadeiras. Não tive e gostaria de ter tido contato com: esportes de raquete”.*

R10 - *“Esportes clássicos (futebol, handebol, basquetebol e voleibol), um pouco de rugby através de oficinas, natação, atletismo e um pouco de triathlon. Acredito que minha formação na educação física sempre ficou muito presa as poucas modalidades que representam o Brasil, e é muito válido levar um mínimo de conhecimento para os futuros profissionais sobre práticas corporais que são bastante comuns em outros países mas nem tanto aqui no*

Brasil, como também é necessário valorizar práticas que são muito comuns aqui, principalmente aquelas de rua, e ainda esquecidas, como o skate por exemplo, corridas de aventura, o próprio surfe, dentre outros”.

Os professores de Educação Física trabalham em suas aulas esportes atuais, como por exemplo o Trekking, Luta, Jogos e Ginástica. Mas os alunos preferem e tem bastante afinidade pelo Lúdico, Brincadeiras e Jogos. O Esporte de Aventura, segundo Passos (2016) tem crescido no Brasil, devido a sua relação com o lazer e com competições que norteiam emoção, intensidade e relação com o meio ambiente. Essas atividades que aproximam os indivíduos à natureza podem ajudar em melhorias na qualidade de vida dos mesmos. Com a grande procura, surge a necessidade dos professores estarem preparados para trabalhar essa temática em sala de aula, como práticas físicas inovadoras (MARINHO; BRUHNS, 2003).

Em relação à prática pedagógica, o questionário procurou saber se os professores de educação física já trabalharam as práticas corporais de aventura em suas aulas, assim como também procurou saber por qual motivo deixaram de trabalhar essa temática. 6 (seis) professores responderam que sim, já trabalharam a temática com seus alunos e os outros 5 (cinco) pesquisados disseram que não.

Dentre as respostas, se destacam:

“R5 - Sim. Bastante proveitosa”

“R6 - Sim, utilizamos muito o imaginário”

“R8 - Não. Porque a minha formação não contemplava esta disciplina”.

“R9 - Sim. Foi bem legal, eles amaram mesmo sendo online, e queriam muito praticar. Presencial trabalhei o slackline com o fundamental I e foi bem interessante (medo e tensão deles e a emoção de conseguir)”.

“R10 - Sim, trabalhei utilizando mais vídeos e abordando os principais riscos, lesões e medidas de segurança. É muito difícil trazer a vivência prática”.

“R11 - Não. Principalmente por conta da insegurança no ensino e a dificuldade de levar para a realidade da escola”.

As práticas de aventura são bastante proveitosas para os alunos, mas a questão da estrutura física necessária para a realização de alguns conteúdos se torna um dos maiores desafios. Os esportes de aventura são

inovadores e diferenciados dos clássicos, impondo um esforço. O contato com a natureza e com seus elementos, como vento, ondas e montanhas, está presente em esportes como o Surfe, Rafting, Canoagem, Asa delta e Ski. Esses esportes nas salas de aula de educação física contribuem para que os alunos fiquem motivados, curiosos, interessados e trabalhem suas emoções e consciência a respeito da importância de preservar a natureza (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013).

Ao discutir se as práticas corporais de aventura, sugeridas pela BNCC recentemente, vem sendo trabalhadas nas aulas de educação física, nas escolas. Alguns professores pesquisados afirmaram em resposta ao questionário que já trabalharam a temática prática corporal de aventura em suas aulas, na teoria e também na prática, com uso de vídeos e aulas expositivas, além das aulas de campo. Sendo a questão estrutural das escolas bastante apontada como uma dificuldade. Observamos as narrativas a seguir:

“R1 - Confrontando o que eles sabem sobre a sua história”

“R3 - É possível com um espaço que apresente segurança aos alunos além dos materiais para a prática”

“R8 - Nos particulares com recursos, nas públicas com vários e vários improvisos. Nesta hora que a criatividade tem de estar no nível mais alto”.

“R10 - À princípio é sempre importante fazer um diagnóstico sobre o que os alunos conhecem sobre o tema, e a partir daí ir apresentando a temática. Gosto muito de trabalhar com vídeos que consigam aproximar o aluno daquela prática ainda alheia a sua realidade. Quando os alunos conseguem ter essa representação interna de práticas ainda desconhecidas podemos ir avançando e explicando regras, dinâmica da prática, objetivos, possíveis estratégias... e se possível, sempre tentar levar para a prática, mesmo que precise adaptar e fique um pouco longe do real. No fim eles conseguem sentir que também pertencem aquele meio”.

Os esportes de aventura, a dança, lutas e ginástica, são uma possibilidade de fugir das aulas tradicionais, podendo potencializar a ação interdisciplinar e fortalecer a conscientização ecológica, uma vez que o aluno passa a realizar atividades ao ar livre. Os alunos aceitam com mais facilidade práticas que despertam seu interesse e curiosidade, sendo desafiadores, ao mesmo tempo que trabalham a superação dos medos e limites

individuais. A introdução desse conteúdo provoca sensações e emoções corporais que não são vivenciadas em esportes tradicionais (DARIDO, 2016).

Muitas escolas e instituições ensinam esportes de aventura para crianças e adolescentes, tendo uma boa aceitação. A inclusão desses esportes na sala de aula também se torna essencial para que os educandos possam ter essa familiaridade com a prática esportiva. Esses esportes contribuem para o desenvolvimento físico, motor, social e afetivo dos alunos. Em sala de aula, pode ser trabalhado na questão ambiental, na preservação e no bom relacionamento com o meio (SOUZA, 2016).

O estudo procurou saber a opinião dos professores de educação física, a respeito da validade ou não de trazer para a escola práticas pedagógicas diversificadas como as atividades de aventura, além dos esportes tradicionais que os alunos já conhecem. Em relação a essa questão, a maioria dos professores de educação física acharam positiva e conseguem visualizar facilidades e benefícios que a introdução dos esportes de aventura pode acrescentar nas aulas, já outras opiniões esbarram na falta de estrutura nas escolas, como veremos em seguida:

“R2 - Sim bem favorável, tudo que possa ajudar o nosso aluno a se desenvolver integralmente é necessário, principalmente nesse período pós olímpico quando os esportes de aventura chamaram tanta atenção deles (os alunos)”.

“R4 - Ainda vejo que não estamos preparados com recursos para isto”.

“R7- Super válido. Os alunos precisam de uma diversidade para que possa se desenvolver o mais completo possível, sabemos que o motor bem estimulado pode levar a criança a ter uma vida melhor”.

“R10 - Os esportes tradicionais são muitas vezes excludentes aos menos habilidosos, e as práticas de aventura podem ser exploradas de várias formas, incluindo todos os alunos, mesmo aqueles que não gostam dos esportes tradicionais”.

É válido trazer para a escola práticas pedagógicas diversificadas, como os esportes de aventura, que tornam a aula diferenciada e motivadora para os alunos, ajudando-os a se desenvolver integralmente, mas é preciso que os professores de educação física estejam preparados. A escola é um espaço aberto para as práticas da cultura corporal. Segundo Darido (2016), os esportes de aventura, motivam e se tornam uma recreação divertida. Os

alunos consideram uma experiência inesquecível, modificando o comportamento e proporcionando uma aprendizagem significativa.

A Educação Física de acordo com Betti e Zuliani (2002) é uma disciplina que influi no desenvolvimento da criança e do adolescente, promovendo mudanças no comportamento e o rompimento do sedentarismo, melhorando a qualidade de vida durante a fase adulta. A falta de conhecimento a respeito do esporte de aventura faz com que os professores se achem incapazes de propor a temática, gerando a repetição das mesmas práticas, nesse caso as tradicionais, que sempre tiveram contato.

O surfe estimula o desenvolvimento da atividade cerebral, tonifica o corpo, ajuda a queimar calorias e possibilita a redução da ansiedade e estresse através do contato direto com a natureza. Foi questionado se os professores acreditam que os alunos teriam benefícios com as práticas corporais sendo incluídas nas aulas de Educação Física. A maioria dos pesquisados respondeu que sim, por serem atividades que permitem ao aluno conhecer outros tipos de esportes, que não são os tradicionais, auxiliando em seu desenvolvimento físico e mental. Vejamos os relatos a respeito:

"R3 - Interesse e motivação para novas modalidades que foram expostas nas olimpíadas".

"R6 - Benefício de aumento da oportunidade de conhecimento sobre várias culturas corporais de movimento além dos esportes tradicionais".

"R8 - Respeito ao meio ambiente e às próprias capacidades corporais. Conhecimento de si em contato com o meio ambiente que não é controlado nessas práticas de aventura".

"R10 - Benefícios comuns a atividade física. Além de conscientizar sobre sustentabilidade, valorização do patrimônio público, medidas de segurança, riscos e lesões".

As atividades realizadas pelos professores de educação física contribuem para despertar o interesse na realização das atividades propostas aos educandos, levando também como conteúdo novas modalidades olímpicas, dando-lhes a oportunidade de conhecer diferentes esportes, incentivando a socialização, ampliando os conhecimentos dos alunos e possibilitando novas sensações. É preciso trazer práticas diversificadas para as aulas de Educação Física, buscando sempre se atualizar através de cursos, formação continuada e qualificação. O planejamento de acordo com Darido

(2016) é o alicerce para o sucesso da prática pedagógica. Os alunos gostam de praticar esportes de aventura.

Dessa forma a escola pode ajudar ainda mais na formação de cidadãos autônomos e críticos, inseridos na sociedade. Em relação a percepção dos professores de educação física sobre o aproveitamento do conteúdo em sala de aula, foi respondido que de modo geral os alunos aprovam que esse conteúdo seja trabalhado na escola, como podemos verificar nos relatos em destaque:

R3 – “Sim... o aluno é curioso e quando a aula é agradável eles aproveitam para aprender e se divertir”.

R4- “Sim, no começo houve uma resistência, pois estão acostumados com o tradicional (futebol e queimado) não ter o local e equipamentos, mas tudo pode ser improvisado”.

R5 – “Sim, eles são abertos ao novo quando lhe é bem apresentado. Com as medalhas olímpicas que os esportes de aventura nos deram esse interesse aumentou”.

R6 – “Alguns sim e outros não. Cada aluno carrega consigo uma experiência no meio líquido, seja positivo ou negativo”.

R7- “Acredito que aprovariam com louvor, principalmente com desafios”.

R8 - “Sim! É algo bem voltado ao público jovem que envolve adrenalina e aventura em diversas formas e intensidades”.

R9 – “Acredito que sim, mas o caminho é muito árduo porque os alunos estão muito condicionados às quatro linhas de uma quadra”.

R10 – “Aprovariam. Os alunos costumam se interessar por práticas novas depois que eles conseguem entender. Antes de conhecerem sempre tem a negação e vontade de praticar o que é comum no dia a dia deles. Por isso digo que é importante eles terem conhecimento sobre novas práticas”.

R11 – “Sim, por que além do novo aprendizado seria uma diversão, uma quebra de rotina”.

A procura de crianças e adolescentes pelos esportes de aventura tem aumentado, fazendo com que várias escolas voltadas para esse público sejam abertas. As qualidades do surfe para as aulas de Educação Física nas instituições de ensino públicas e privadas, estão inseridas no desenvolvimento físico, motor, social e afetivo. A inclusão de modalidades esportivas diversificadas pode levar os alunos a refletir sobre seu papel social (ROLIM, 2010).

A pesquisa também quis saber como o professor de Educação Física percebe a possibilidade do surfe ser trabalhada como conteúdo dentro das

práticas corporais de aventura no ambiente escolar. Em relação a essa questão, foram destacadas as seguintes falas:

R3 - Fácil de ser ensinada e muito agradável. Leque com grandes possibilidades de ensino das habilidades motoras e capacidades físicas.

R4 - É uma forma de ampliar os conhecimentos e aprender a respeitar a natureza.

R5 - Quando não for possível levar ao mar, que seja possível ao mínimo ensinar movimentos básicos de equilíbrio, sobre como manter-se em pé na prancha. Trabalhar o core é tão importante para que eles tenham boa postura corporal, já que estão em fase de crescimento.

R9 - É um caminho difícil, porém possível, porque nosso campo de atuação alia teoria e prática e a logística para alinhar essas duas práxis pode dificultar a vida do professor, porque ele pode cair na burocracia da gestão da escola.

R11 - O surfe seria algo mais difícil. A questão da segurança em relação a prática desse esporte também, e qual idade seria melhor para levar para a prática desse esporte.

Na visão de alguns professores participantes da pesquisa, entende-se que o ensino de surfe nas escolas pode ser difícil entretanto para outros é visto como de fácil aplicação. O ensino do surfe pode ser uma prática agradável para trabalhar com os alunos, por proporcionar uma vivência diferente das que estão habituados, além de ao mesmo tempo possibilitar o desenvolvimento das habilidades motoras e das capacidades físicas. Com o ensino das práticas corporais e em específico o surfe, o conhecimento é ampliado. Na ausência do mar, é proposta a reflexão e discussão, em sala de aula, dos movimentos básicos, trabalhando a postura e o equilíbrio, além de reproduzir vídeos para que os alunos visualizem melhor a atividade a ser realizada.

As aulas de educação física devem buscar o desenvolvimento pleno do aluno, analisando a sua realidade sociocultural e planejar seus conteúdos com base na construção conjunta entre sujeito e instituição. A produção escolar se faz essencial para a inserção de crianças e adolescentes no universo cultural. É na escola e na família, por meio da socialização, que são construídos costumes cotidianos, hábitos e comportamentos. Estimular essa relação com a natureza traz benefícios para o desenvolvimento desses indivíduos (AMARAL, 2017).

Em relação aos desafios para trabalhar o surfe nas aulas de Educação Física, dentre os desafios e facilidades para desenvolver o tema a maioria dos pesquisados respondeu que existem muitos mais desafios, principalmente na rede pública e dependendo da localização da escola, como podemos constatar analisando as seguintes respostas:

R4 - Sim, pois os alunos acreditam que para aprender é apenas necessário estar na praia, mas na verdade podemos começar a aula dentro da escola, iniciando atividades que desenvolvem consciência corporal, além de aprender de forma teórica os movimentos do surf.

R6 - Primeiro é um ambiente diferente para muitos que não têm uma vivência no meio líquido ... depois pode vir os traumas no meio aquático de quem já passou por isso.

R7 - Diversos desafios como por exemplo o ambiente para praticar o esporte propriamente dito. Facilidade seria apenas cativar os alunos, que não seria uma facilidade tão grande, pois se você fala surfe eles vão pensar em praia, onda... Daí entra a criatividade que falei, talvez o prêmio seria a praia...

R10 - Vários desafios, principalmente para quem não está habituado a prática. Desde a forma de abordagem do tema à apresentação desse conhecimento com uma progressão que se adeque ao aluno e os tipos de atividades que podem ser possíveis para a prática adaptada. O repertório de práticas fica muito escasso nesses casos.

Os pesquisados afirmaram que sempre têm desafios, mas que o ensino de surfe no ambiente escolar pode ser positivo e também pode impulsionar uma boa prática. Muitos alunos e professores acreditam que a aprendizagem do surfe é apenas possível em ambiente aquático e não fazem ideia de que esse trabalho pode sim ser iniciado dentro do ambiente escolar, desenvolvendo a consciência corporal, fazendo com que crianças e adolescentes aprendam durante as aulas de Educação Física os movimentos necessários para efetuar a prática de fato, o posicionamento do corpo como um todo e principalmente dos pés e braços, além dos demais fundamentos do esporte em questão. Entre os desafios citados pelos pesquisados estão a necessidades de equipamentos necessários para trabalhar os fundamentos dessa modalidade, a proximidade da praia e os cuidados com os educandos.

A proposta de ensino do surfe trabalha questões diversificadas em sala de aula. A prática desse esporte ocorre em meio líquido, mais especificamente no mar, podendo também ser praticado em piscinas e lagos de

ondas artificiais. O professor precisa estar preparado para proporcionar o desenvolvimento da autoconfiança e da independência pessoal de seus educandos, trabalhando questões como o medo e a superação, o desenvolvimento de habilidades e percepções físicas. Outro desafio é a promoção do fortalecimento de valores relacionados a estereótipos, preconceitos, diversidade, vivências e culturas (CLUB, 2019).

Os professores foram questionados como poderia ser trabalhado o surfe nas aulas de educação física, na visão deles. Dentre as respostas podemos ressaltar:

R2 – Pode ser iniciado com sua parte teórica, depois partir para atividades mais práticas que envolvam o trabalho do equilíbrio por exemplo, e relacionando questões de primeiros socorros, além de cuidados necessários para não se envolver em perigo de afogamento e saber como sair de tais situações também.

R3 - Teoricamente com histórias, vídeos e curiosidades sobre o tema. E na prática, vivências com pranchas ou materiais adaptados e práticas em locais alternativos.

R5 - Trabalhando de forma interdisciplinar entendendo a maré, respeitando o meio ambiente, uma infinidade de coisas.

R7 - Uma abordagem a princípio teórica, para em seguida analisar a possibilidade da prática dependendo da estrutura e condições de segurança da escola.

R11 - Pode ser trabalhado justamente nos momentos em que se fala sobre esportes. É um universo muito grande e que precisa ser aproveitado. É uma prática bastante conhecida, e praticamente todos os alunos vão dizer que já viram alguma coisa sobre esse esporte. Com isso, essa brecha de intervenção pode ser muito rica. Começaria justamente com o questionamento sobre o que eles já conhecem, buscaria vídeos que sempre encham os olhos dos alunos, mostraria como o Brasil representa bem no surfe mundial para promover uma identidade e tentaria adequar algum tipo de prática, nem que seja algo simples que trabalhe equilíbrio (banco sueco ou qualquer estrutura ou espaço que promova isso) criando uma ideia imaginária de instabilidade, mar e ondas.

A maioria dos professores pesquisados respondeu que inicialmente poderia ser trabalhada de forma teórica, abordando questões de equilíbrio, instabilidade, velocidade e atenção. Pode ser associada a questão dos primeiros socorros e prevenção ao afogamento. O despertar para a consciên-

cia corporal, ensinando os movimentos e trabalhando a coordenação e postura. Em educação ambiental e com a utilização de vídeos para que os alunos possam visualizar melhor.

O surfe nas aulas de Educação Física proporciona o fortalecimento de valores, envolvendo o estudo da cultura corporal do movimento. Para Souza Junior e Darido (2018), o surfe se torna um grande aliado para o processo pedagógico, porque relaciona o sujeito ao meio ambiente aquático, desenvolvendo resistência muscular, cardiorrespiratória, força e flexibilidade, além de ser uma atividade prazerosa e que pode proporcionar prazer e relaxamento.

O trabalho do surfe na escola apresenta vantagens para os alunos, professores e para toda a comunidade, segundo a maioria dos professores de Educação Física pesquisados. Vejamos as respostas:

R1 - Novas possibilidades de encontrar talentos no esporte que ainda está crescendo como esporte olímpico.

R3 Conhecimento sobre o tema, além de tirar um pouco do preconceito que envolve o surfe e os seus praticantes.

R7 - Alunos: diversidade motora, aumento do equilíbrio e força. Professor: um maior desenvolvimento da criatividade, do cativar os alunos, do mexer como imaginário dos mesmos, além da experiência gigantesca. Comunidade: com um projeto de surfe na escola sendo também aberto para os pais dos alunos quem sabe, mas lembrando que os alunos são a comunidade, então os benefícios para eles são os mesmos para a comunidade.

R8 - Valorização do esporte, conhecimento sobre um tema atual, desconstruir estereótipos sobre a modalidade e promover sustentabilidade e preservação da natureza.

R10 - Além da identidade de sentir-se pertencente ao meio, a partir do momento em que se conhece a fundo algo relativamente novo, nós mudamos nosso ideário e passamos a minimizar alguns preconceitos. O mesmo é válido para os esportes.

R11 - Para a comunidade principalmente, pois seria um agregado para todos. Com certeza iriam vir outras crianças e adolescentes participar das aulas de surfe também. Para os alunos seria uma atividade nova, com novos desafios e que traz a sensação de liberdade para praticar algo além do ambiente escolar. Para os professores seria positivo para ampliar seus conhecimentos e conhecer uma nova modalidade olímpica a ser praticada nas escolas.

Nota-se que a muitos dos professores de Educação Física pesquisados consideram o ensino de surfe nas escolas vantajoso, possibilitando o encontro de talentos, o envolvimento e aproximação de todos os alunos

e quebra de paradigmas preconceituosos em relação ao esporte. Os alunos passam a perceber que o surfe, como todo esporte, é necessário ter disciplina, respeitar os colegas, o meio ambiente e toda a sociedade. A modalidade surfe trabalha principalmente o equilíbrio, consciência corporal e força.

Farias (2019) explica que o surfe em sala de aula cria um elo entre esporte e a educação, possibilitando que os alunos tenham acesso a uma nova modalidade esportiva e desenvolvam valores essenciais para a vida em sociedade. Envolvendo questões culturais, sociais, éticas, afetivas, estéticas e cognitivas. Através destas práticas corporais são estimulados hábitos saudáveis, levando o educando a refletir sobre alimentação e rotina. Crianças e adolescentes passam a se sentir motivados pelas aulas, desenvolvem habilidades e competências que são importantes para a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo e as respostas oriundas do questionário foi possível compreender que a prática corporal do surfe pode ser essencial e bastante positiva para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. A prática dos esportes de aventura, principalmente no mar, contribui para uma boa relação do indivíduo com o meio ambiente. Os professores pesquisados afirmaram que é interessante e necessário que o surfe seja introduzido também entre os esportes que são estudados na formação universitária nos cursos de Educação Física, mas também pontuaram a importância de buscar atualização com formação continuada e cursos fora da graduação. Foi possível verificar que os professores de Educação Física compreendem a importância de introduzir esse conteúdo em suas aulas, mas esbarram em dificuldades como a falta de estrutura, aquisição de materiais e o deslocamento dos educandos até as praias.

Em resposta ao questionário, os professores relataram que o equilíbrio pode ser melhor trabalhado dentro do ambiente escolar, durante as aulas de educação física, além de temas transversais como questões de

sustentabilidade, primeiro socorros e meio ambiente. A prática esportiva diversificada é uma possibilidade de romper uma aula monótona e assim despertar uma maior motivação dos alunos, fazendo com que os educandos aprendam de forma lúdica e prazerosa.

As especificidades deste esporte podem contribuir para que os alunos criem novos hábitos, além de proporcionar que eles busquem por um estilo de vida saudável. A introdução do surfe no ambiente escolar pode proporcionar qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento de qualidades físicas e motoras dos educandos.

Os alunos podem despertar através do contato e conhecimento do surfe para a consciência ambiental, sustentabilidade e hábitos de preservação da natureza. A pesquisa demonstra que o esporte pode contribuir em melhorias no físico, emocional, social e afetivo do educando. A introdução do esporte em sala de aula, pode promover a socialização além da diversão. Classificado como esporte de aventura, o surfe pode contribuir para trazer benefícios psicológicos e físicos, além de proporcionar cenários onde o aluno pode se tornar mais confiante e seguro, através dos desafios que a modalidade apresenta, superando os próprios limites e medos.

Esportes que permitem o contato com a natureza podem auxiliar as crianças e os adolescentes no desenvolvimento de competências e habilidades que estão previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. O surfe pode contribuir para formar pessoas conscientes de seu papel social, independentes e autônomos. Os professores vivenciam a possibilidade de inclusão do surfe nas aulas de EDUCAÇÃO FÍSICA da educação básica, como uma possibilidade positiva de educação integral. Nota-se também em escolas da rede pública e privada, a dificuldade de planejar essa prática esportiva devido aos problemas estruturais e a distância da praia, assim como a questão de materiais necessários para todos os alunos, onde o uso da criatividade na elaboração e improvisação dos mesmo se faz presente.

A criação de um estilo de vida que efetive a prática do surfe e hábitos saudáveis em crianças e adolescentes pode ser iniciada no ambiente escolar. A introdução efetiva do surfe, como prática corporal nas aulas de Educação Física ainda pode ser uma realidade em Alagoas. Foi observado a

importância de elaborar atividades que incluam essa prática esportiva nas escolas, assim como também nos cursos de educação física para ampliar o conhecimento e formação dos professores. Por fim, o incentivo às práticas corporais de aventura aplicadas em aulas de Educação Física podem ser uma alternativa para despertar no aluno o desejo em prosseguir no cenário do esporte.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A.V. **Da Praia Para o Mar**: Motivos à Adesão e à Prática do Surfe; Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Natureza (UFF) Niterói – RJ – Brasil; Licere, Belo Horizonte, v.11, n.3, dez./2017.
- BETTI, M; ZULIANE, G.H. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física pra quê? *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Maringá, v. 2, n. 12, p.281-287, fev. 2002.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Educação Física. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- BROTTO, F.O. **Jogos cooperativos**: O jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação 2015.
- BUENO, T. Evolução e retrocesso as raízes. *Alma surf*, São Paulo, v.7, n. 39, p. 142, jul/ago. 2017.
- CLUB, O. C. **Ocean Sports**: Surf (2019). Disponível em: <<https://www.outriggercanooclubsports.com/ocean-sports/surfing/>>. Acesso em: 26 nov 2022.
- CUNHA, Tereza de Almeida. diversidade e inclusão em debate. Goiânia: Descubra, 2014.
- DARIDO, C.S. **Para ensinar Educação Física**: Possibilidades de intervenção na escola. Campinas, SP: Papirus, 2016.
- DIAS, C. A. G. Lazer e esportes na natureza face a educação ambiental: entre o possível e o necessário. In. Seminário o lazer em debate, V., 2018.
- Eco, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- FARIAS, S. F. **Crianças no Surf**: Uma questão de saúde. Florianópolis: UFSC, CDS, DEF, 2019.
- GORAYEB, M.A. O surfista como ator no processo de construção da sustentabilidade: uma proposta participativa. 2017. 160f. Dissertação (mestrado em engenharia ambiental) centro tecnológico. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- GOULART, Matheus Perucci Rosa. **A educação física inserindo o surf no contexto escolar**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2016.
- GUARANÁ, A. Surf News. *Revista Fluir*, São Paulo, n.02, p. 29, fev. 2018.
- GULIN, N; ANDRE, H. A Representação do Surf Brasileiro na Mídia Antes e Depois da Conquista do Campeonato Mundial 2014 pelo Surfista Gabriel Medina. 28 Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

GUTEMBERG, A. **A história do surf no Brasil**. Grupo Fluir, Editora Azul, São Paulo, 2014.

LORCH, C. K. **Surfe deslizando sobre as ondas**. Rio de Janeiro: editora Guanabara Dois S.A, 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Educação. 12.ed. Campinas (SP): Papirus; 2015. Capítulo 1, Dois temas polêmicos: Duas fontes de mal-entendidos; p 19-56.

MARINHO, A.; BRUHNS, h. T. **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

NETO, A.M. A prática do Surfe e sua Influência sobre o ensino Infanto- Juvenil; 2015. Instituto Catarinense de Pós-graduação – ICPG Curso de Pós-graduação em Gestão e Treinamento no Surf.

ROCHA, Ana A.; LINSKER, Roberto. **Guia Brasil aventura**. São Paulo: Terra Virgem, 2017.

ROLIM, T.M.R. **As Perspectivas de Ensino do Surfe nos Cursos de Educação Física**. Florianópolis, 2010. Monografia. CDS.

SANTOS A. A. C. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. Revista Brasileira Educação Física e Esporte v.27, n.4, p.679-687, 2012.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOUZA, R. **Boas ondas**: surfando com Rico de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2016.

SOUZA, Renata Amaral; BACCIN, Alessandra. **Políticas de Formação Continuada de Professores**: uma análise do Programa Pró-Letramento mediada pelas narrativas dos professores. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande/MS, UFMS, 2009.

SOUZA JUNIOR, O. M; DARIDO, C. S..**Para ensinar Educação Física**: Possibilidades de intervenção na escola. Campinas, SP: Papirus, 2018.

SPINK, Mary Jane P; ANAGACKI, Fernanda; ALVES, Flávio Soares. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cadernos de Saúde Pública, v. 9, n. 3, p. 300-308, 2015.

STEINMAN, J. **Surf Saúde**. São Paulo: Tao, 2017.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI-FILHO. Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação. Motriz, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 59-64, jan./abr. 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

TAVARES, S. **Avaliação de Projetos Sócios-esportivos**. In: MELLO, V. De A.; TAVARES, C. O exercício reflexivo do movimento: Educação Física, lazer e inclusão social. Rio de Janeiro: Shape, p. 200-212, 2016.

TICIANELI. **Surf em Alagoas surgiu nas ondas da praia do trapiche**. História de Alagoas. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/surf-em-alagoas-surgiu-nas-ondas-da-praia-do-trapiche.html>>. Acesso em: 18 maio. 2023.

TUBINO, M.J.G. **O esporte educacional como uma dimensão social do fenômeno esportivo no Brasil**. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE ESPORTE EDUCACIONAL. Memórias: conferência brasileira de esporte educacional. Rio de Janeiro: Editora central da Universidade Gama Filho, 2016.

VIEIRA, R.O. **Aragua surfe social**: contribuições do projeto que integra esporte e educação Florianópolis junho/2012.

APENDICE

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

O SURFE COMO PRÁTICA CORPORAL DE AVENTURA NA ESCOLA

1. Quais temas da educação física você teve contato durante sua formação? E quais não teve e gostaria de ter vivenciado?
2. Durante sua formação, você teve contato com práticas corporais de aventura? Se sim, cite quais e como foi sua experiência.
3. Quais temas da educação física você já trabalhou com seus alunos e quais desses temas os alunos tiveram uma melhor receptividade?
4. Você já trabalhou a temática prática corporal de aventura nas suas aulas? Se sim, como foi? Se não porquê?
5. A BNCC sugeriu recentemente as práticas corporais de aventura como conteúdo nas aulas de educação física, de que forma você acha possível trabalhar esse tema nas escolas?
6. Na sua opinião, é válido trazer para a escola práticas pedagógicas diversificadas, como as atividades de aventura, além dos esportes tradicionais que os alunos já conhecem? Explique.
7. Quais benefícios você acredita que os alunos teriam com atividades desse tema?
8. Você acha que os alunos aprovariam esse conteúdo nas aulas? se sim, porquê? se não, porquê?
9. Dentro das práticas corporais de aventura na natureza encontramos o surfe, como você percebe essa possibilidade?
10. Para trabalhar o surfe nas aulas de Educação Física você acredita que o professor terá algum desafio, ou facilidades para desenvolver este tema? Por quê?
11. Em específico na sua visão como o surfe poderia ser trabalhado nas aulas de Educação Física?

TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa O SURFE COMO PRÁTICA CORPORAL DE AVENTURA NA ESCOLA, do pesquisador RUANA VIDDA SOBRAL CAVALCANTE SILVA. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a compreender a possibilidade de ensino e aprendizagem do surfe como prática corporal nas aulas de Educação Física escolar.
2. A importância deste estudo é a de ampliar as possibilidades de vivências dos alunos e professores com um conteúdo diferente dentro da cultura corporal de movimento.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: coletar e identificar as percepções de professores de educação física acerca da possibilidade de se trabalhar as práticas corporais de aventura, em específico o surf, a partir das respostas do questionário.
4. A coleta de dados começará em Dezembro/2021 e terminará em Janeiro/2022.
5. O estudo será feito da seguinte maneira: primeiramente uma pesquisa acerca do conteúdo surfe, logo após será enviado um questionário aos professores que irão participar da pesquisa. Em seguida será feita a coleta e análise dos dados para então obter os resultados e chegar a uma conclusão.
6. A sua participação será nas seguintes etapas: ocorrerá através de respostas a um questionário. Assim como também na coleta de dados, leitura e concordância do TCLE. Cabe ressaltar que, mesmo após o seu consentimento, você poderá desistir da pesquisa em qualquer momento, sem qualquer ônus ou prejuízo, pois a sua participação é voluntária. Da mesma forma esclareço que você não receberá qualquer benefício material ou financeiro para participar da pesquisa.
7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: Os riscos para os participantes são mínimos quando se trata de uma aplicação de questionário. A exposição das informações pessoais é o único risco que os participantes poderiam ter, porém, o pesquisador garante sigilo de todas as informações coletadas. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der.
8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: contribuir para um melhor entendimento da possibilidade de trabalhar o surfe como conteúdo integrante da educação física escolar.
9. Você poderá contar com a seguinte assistência: se tiver dúvidas ou dificuldade para responder o questionário, e também caso queira esclarecimento a respeito da pesquisa basta enviar um email para que o pesquisador possa ajudá-lo. Sendo responsável por ela o próprio pesquisador, você pode entrar em contato através do email: viddacavalcante.contato@gmail.com.
10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.
13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.
14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).
15. Você receberá uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por e-mail caso tenha interesse. Eu tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam,

concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.